

Gastos preocupam empresários

O deputado Ulysses Guimarães confidenciou ao presidente da Confederação Nacional da Indústria, senador Albano Franco, que, depois do impeachment, as atenções da Nação estarão todas voltadas para o Congresso Nacional em busca de alternativas para que o País possa sair da crise.

Caso o Legislativo não corresponda com a expectativa da população que está em crescente processo de mobilização social, com as últimas greves, sua desmoralização resultará em perigo para as instituições políticas.

Os presidentes de federações de indústrias manifestaram receio de que o Congresso cumpra o seu papel de votar um programa econômico mínimo, como contribuição do Congresso ao previsível governo de Itamar Franco. Essa desconfiança está assentada nas controvérsias em torno dos debates sobre o Orçamento da União.

A classe empresarial está receosa, principalmente, porque estão prevalecendo, no âmbito da comissão de Orçamento do Congresso, discussões que não contribuem para garantir credibilidade ao Legislativo, à medida que as propostas de gastos e o tipo desses gastos são incompatíveis com a austeridade fiscal que o Governo precisa seguir para tentar controlar a inflação.

O controle do Orçamento, que,

hoje, está sendo feito pelas forças políticas nordestinas, nortistas e do Centro-Oeste, argumentaram os empresários da região Sudeste, inviabiliza o ajuste fiscal. A proporcionalidade do controle político, disseram, guarda profunda distorção, desde que o ex-presidente Geisel baixou um pacote para garantir à Arena, então partido do Governo, maioria parlamentar ao governo militar. Isso resultou numa maior ponderação das forças políticas nordestinas, nortistas e do Centro-Oeste no contexto político nacional, em detrimento das forças do Sudeste, na composição parlamentar.

Gastos — Enquanto não equilibrar a ponderação de forças políticas no Congresso, corrigindo o desequilíbrio que prejudica os estados mais populosos, alertam os empresários, haverá dificuldade de controlar, efetivamente, os gastos públicos, porque não será possível superar a política clientelista que gira em torno da distribuição das verbas orçamentárias.

Brasília, nos próximos tempos, deverá viver uma inflação nova, a inflação dos economistas, que frequentarão as reuniões dos parlamentares para vender o seu peixe, como aconteceu com André Lara Resende, na última semana, falando para a bancada mineira, e já se credenciando para uma vaga no novo governo.